

**Clíticos e afixos na família Karirí**

---

**Clitics and affixes in Karirí language family**

**DAVI BORGES DE ALBUQUERQUE\***

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

**RESUMO**

O presente artigo procura apontar certos parâmetros e testes para a análise de partículas gramaticais na família Karirí (Macro-Jê), com o objetivo de classificá-las como afixos, clíticos ou formas livres. Para tanto, serão discutidos alguns pressupostos teóricos a respeito dos critérios de identificação de afixos e clíticos (2). Em seguida, serão apontados os clíticos do Kipeá (3), variedade mais bem documentada da família, diferenciando-os dos afixos (4). Finalmente, em (5), a análise feita para o Kipeá será estendida aos demais membros da família.

**PALAVRAS-CHAVE:** Karirí. Clítico. Afixo.

*ABSTRACT*

*The present paper intends to point out linguistic tests to analyze grammatical particles on Karirí language family. The main objective is to classify those particles as affixes, clitics or free word. Thus, it will*

\*Sobre o autor ver página 37.

*be discussed some theoretical issues on affixes and clitics (2). After that, Kipeá clitics will be analyzed (3) followed by the analysis of its clitics (4). Worth mention is the fact that Kipeá is the better documented variety of Karirí language family. Finally, it will be extended the Kipeá analysis to the other varieties.*

KEYWORDS: *Karirí. Clitics. Affix.*

## 1 Introdução

A família linguística Karirí localizava-se no Nordeste brasileiro, especificamente nos estados da Bahia e de Sergipe, e é considerada extinta. Atualmente, há registros de sobreviventes étnicos que são falantes apenas da língua portuguesa. Há alguns membros da comunidade Karirí que se lembram de algumas palavras, conforme foi registrado por Bandeira (1972) e Meader (1978).

Segundo Rodrigues (1986, 1999), a família Karirí é classificada como do tronco Macro-Jê. Ainda há registro de quatro variedades dessa família. São elas:

Kipeá ou Kirirí, localizado no nordeste da Bahia e em Sergipe;  
Dzubukuá, localizado nas ilhas do Rio São Francisco;  
Sabujá, localizado no centro da Bahia;  
Kamurú ou Pedra Branca, localizado no leste da Bahia.

Dessas quatro variedades, somente o Kipeá e o Dzubukuá possuem uma documentação rica, com catecismos (Kipeá e Dzubukuá) e gramática (Kipeá). O Kipeá foi documentado pelo jesuíta italiano Luis Vincencio Mamiani, que publicou um catecismo bilíngue e uma gramática, respectivamente em 1698 e 1699 (MAMIANI, 1877, 1942); o Dzubukuá, pelo capuchinho francês Bernard de Nantes, que, no ano de 1709, também elaborou um catecismo bilíngue (NANTES, 1896), e, finalmente, Pedra Branca e Sabujá possuem apenas uma lista de palavras compiladas por Martius (1867).

Pouco foi dito sobre o status linguístico das variedades da família Karirí. Acreditamos que o povo Karirí se expandiu rapidamente pela região semiárida do Nordeste brasileiro em período um pouco anterior ao contato com os colonizadores europeus. Isto se baseia no fato de a diferenciação linguística entre os quatro membros conhecidos da família linguística Karirí ser mínima, assim como a protolíngua dessa família, reconstruída em Albuquerque (no prelo), ter também grande parte das estruturas semelhante às formas documentadas<sup>1</sup>. Ainda, em outros trabalhos, como Bandeira (1972), Meader (1978) e Métraux (1951), há registros residuais de prováveis membros da família Karirí que foram extintos antes de ser documentados. Com base na análise linguística e na documentação existente, propus que o Karirí, o Dzubukuá e Sabujá eram línguas distintas e o Pedra Branca e o Kipeá eram variedades da língua Karirí (ALBUQUERQUE, no prelo).

A seguir faremos uma revisão da bibliografia linguística que trata de afixos, clíticos e partículas, seção (2) e, nas seções (3) e (4), analisaremos os clíticos e afixos do Kipeá, respectivamente. Finalmente, faremos uma comparação entre os dados do Kipeá e os dos demais membros da família Karirí – Dzubukuá, Pedra Branca e Sabujá – na seção (5).

## 2 A natureza das partículas

O termo ‘partícula’, segundo Zwicky (1985), é utilizado quando algum item linguístico, seja ele lexical seja gramatical, não se enquadra facilmente nas generalizações sobre as línguas do mundo feitas pela semântica e pela sintaxe. Ainda, quando os itens considerados partículas são submetidos aos testes linguísticos propostos pelo autor Zwicky (1977, 1985) e por Zwicky; Pullum (1983); Klavans (1985) e acabam se revelando como uma das três unidades gramaticais: afixo, clítico ou morfema livre.

Dessa maneira, segundo Zwicky (1985), a classificação de elementos linguísticos como ‘partículas’ é ambígua. Neste trabalho,

---

<sup>1</sup> Apesar do argumento apresentado, o autor reconhece que ainda há necessidade de extensa pesquisa documental e evidências adicionais para comprovar tal afirmação.

portanto, adotamos essa postura teórica, empregando o termo ‘partícula’ como um hiperônimo para se referir às formas presas e dependentes, o que torna imprescindível à descrição linguística identificar a qual unidade gramatical os elementos da língua pertencem.

Os autores que analisaram e propuseram critérios linguísticos para definição e identificação dos clíticos foram Zwicky (1977, 1985), Zwicky; Pullum (1983) e Klavans (1985). Como o nosso objetivo é identificar quais unidades linguísticas são afixos e quais são clíticos em Kipeá, procuraremos apresentar separadamente os testes propostos por Zwicky e por Klavans. Em seguida, apontaremos quais deles serão mais proveitosos para o presente trabalho.

Zwicky; Pullum (1983) propõem uma série de testes que foram aprimorados em Zwicky (1985), nos quais se baseiam os testes apresentados a seguir. Eles são divididos, grosso modo, entre testes fonológicos, morfossintáticos e sintáticos, com objetivo de diferenciar formas livres de clíticos e clíticos de afixos.

Quanto aos testes fonológicos, foram realizados os de *sandhi* interno, fonologia prosódica, fonologia segmental e acentuação, que são usados para diferenciar formas livres de clíticos e formas livres que se apoiam fonologicamente em outra.

O teste do *sandhi* interno diferencia formas livres de clíticos com base na observação da forma a ser analisada. O *sandhi* interno afeta o composto da forma livre juntamente com o clítico [forma livre + clítico]<sup>2</sup>, ou seja, se afetado por *sandhi* interno, temos o caso de clítico; caso seja afetado por *sandhi* externo, temos a forma livre [forma livre + forma livre].

O teste de fonologia prosódica é um complemento ao teste anterior. Como o *sandhi* afeta somente elementos segmentais, o teste de fonologia prosódica chama a atenção para os traços suprasegmentais, pois uma análise suprasegmental do núcleo silábico – tom e acento – pode revelar se o composto é forma livre ou clítico, de acordo com o(s) traço(s) que recebe(m).

<sup>2</sup> Esse composto é chamado pelo autor de ‘palavra fonológica’ (*phonological word*), para diferenciar o composto de duas formas livres, com uma apoiada fonologicamente na outra [forma livre + forma livre], que ele chama de ‘sentença fonológica’ (*phonological phrase*).

O teste de fonologia segmental sugere a observação dos traços segmentais de fronteira de palavra, auxiliando, assim, na classificação do composto.

O teste de acentuação, considerado pelo autor como pouco confiável, consiste na identificação da acentuação do composto, já que os clíticos são fonologicamente dependentes por não ser acentuados. Os estudos linguísticos, porém, revelam diversos casos de clíticos que são acentuados. Por esse motivo, o teste tem pouca confiabilidade.

Digno de nota é que, pelo fato de não se conhecer devidamente a fonologia das variedades da família Karirí, não se podem aplicar os testes de natureza fonológica. É possível somente usar como evidências adicionais algumas considerações sobre a fonologia do Kipeá presentes na gramática de Mamiani (1877).

O que anteriormente foi apontado como teste de natureza morfossintática, na realidade são “testes que usam a similaridade entre clíticos e afixos flexionais”, chamados pelo autor de fixidez, proximidade, construção, ordem, distribuição e complexidade.

Esse grupo de testes é similar, já que o objetivo maior deles é apresentar traços comuns entre afixos e clíticos. Eles se destacam para a observação do composto em suas unidades menores. Se esses compostos ocorrem somente presos – teste da fixidez, da proximidade e da construção – eles serão clíticos ou afixos.

Os testes de ordem, distribuição e complexidade observam o comportamento do composto na oração. O teste de ordem diferencia o clítico do afixo pelo fato de o clítico ter uma maior liberdade, possibilitando inserção de outros segmentos, quando comparado com o afixo. O teste de distribuição também diferencia o clítico dos afixos pelo fato de estes serem mais rigorosos na sua distribuição, ocorrem somente com uma classe de palavras específica. O teste de complexidade chama a atenção apenas para a complexidade morfológica que as unidades linguísticas podem ter.

Os testes sintáticos são: remoção, substituição e movimento. Com base nesses testes, pode-se afirmar se somente uma palavra inteira, e não parte dela, pode ser removida, substituída ou sofrer com alguma regra de movimento da língua.

Diferente dos testes apresentados anteriormente, Klavans (1985) se concentra na identificação de certos traços binários que, segundo ela, encontram-se nos clíticos, e a partir da identificação dos três pares de traços, pode-se prever o comportamento do clítico.

Os três pares binários identificados por Klavans (1985, p. 97) podem ser chamados domínio, precedência e ligação fonológica. O domínio consiste na possibilidade de o clítico se ligar ao constituinte dominante em seu início, ou em seu fim. O exemplo dado pela autora é do 's genitivo do inglês, que pode ser usado em construções como:

1. The boy I talked to's sister  
'o garoto, que eu falei com sua irmã'
2. The boy who I saw's mother  
'o garoto cuja mãe eu vi'

Apesar de o clítico estar ligado fonologicamente a uma preposição e a um verbo, seu domínio é sempre um SN. O segundo parâmetro consiste na posição em que o clítico se liga ao seu hospedeiro, escolhido conforme o parâmetro de dominância: anterior ou posterior a ele. O terceiro parâmetro é o da ligação fonológica e assinala a direção dessa ligação: próclítica ou enclítica. A autora comenta que, apesar de parecer redundante, esse parâmetro serve para analisar casos como o do espanhol:

3. dá=me=lo  
dar=1DAT=3ACU<sup>3</sup>  
(KLAVANS, 1985, p. 98)

Segundo ela, o clítico *me* é 'enclítico', não sendo endoclítico nem próclítico. Desta maneira, seguindo os três parâmetros, há a possibilidade

<sup>3</sup>Abreviaturas utilizadas no texto: 1 '1ª pessoa', 1S '1ª pessoa sujeito', 1PL '1ª pessoa do plural', 1PLS '1ª pessoa sujeito do plural', 2 '2ª pessoa', 3 '3ª pessoa', 3C '3ª pessoa correferencial', ABL 'ablativo', ACE 'acertivo', ACU 'acusativo', ALA 'alativo', ANT 'antipassivo', CUL 'culminativo', DAT 'dativo', DEM 'demonstrativo', EGR 'egressivo', ERG 'ergativo', FUT 'futuro', ING 'ingressivo', INST 'instrumental', INT 'intensivo', INTG 'interrogativo', ITC 'intencional', ITE 'iterativo', HAB 'habitual', LOC 'locativo', NEG 'modalidade negativa, ou negação', NOM 'nominalizador', N.ITC 'não-intencional', ORD 'ordinal', PERF 'perfectivo', PL 'plural', POT 'potencial', PRG 'progressivo', PROS 'prospectivo', RED 'reduplicação', RELT 'relativizador' e SEM 'semelfativo'.

de analisar os clíticos, segundo a autora, por sua própria estrutura, de acordo com os dois primeiros parâmetros, e pela estrutura fonológica, pelo terceiro parâmetro, e não somente por sua morfologia. Por isso, casos, como dos endoclíticos e clíticos de difícil identificação, e, também, fenômenos históricos em relação aos clíticos são analisados de forma mais adequada.

Considerando a situação da família Karirí, que já não é mais falada e tem um corpus limitado de análise, e conforme o que foi exposto nos parágrafos anteriores sobre as formas de identificação dos clíticos, decidimos optar por aqueles testes de natureza morfossintática (ZWICKY, 1985), já que testes fonológicos não podem ser aplicados em razão do conhecimento puramente documental da fonologia da língua e da não existência de registros falados.

### 3 Marcação de pessoa e de tempo ‘futuro’: os clíticos em Kipeá

O Kipeá apresenta a marcação de pessoa por meio de uma série de clíticos e prefixos, que, anteriormente, foram classificados somente como ‘prefixos’ ou ‘palavras pronominais’. Como veremos, o Kipeá na realidade apresenta os clíticos *hi=* de 1ª pessoa, e *e=* ~ *a=* de 2ª pessoa, ambas do singular. Esta marcação de pessoa pode ser aplicada aos nomes, verbos e adposições, conforme estes exemplos:

4. *hi=bodzo-di*            *uro*  
 1=machado-NEG    este  
 ‘Este não é meu machado.’

5. *a=ka*            *do*    *e=waikutsu*    *hi=ja*    *mo*    *yebedzu*    *Tupã?*  
 2=querer ABL    2-batizar    1=ERG LOC    água benta    Deus  
 ‘Queres que te laves com a água do santo batismo?’

Estes são os argumentos que corroboram a análise da marcação de pessoa como clítico: a presença dos pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas, *hietsã* ‘eu’ e *ematsã* ‘tu’ –, assim exclui a classificação de ‘pronomes’ ou ‘palavra pronominal’ –, em relação aos testes morfossintáticos de

Zwicky (1985), os clíticos *hi=* de 1ª pessoa e *e=* ~ *a=* de 2ª pessoa têm a possibilidade de inserção de outros segmentos, teste de distribuição, assim os afixos são mais rigorosos na sua distribuição, ocorrem somente com uma classe de palavras específica, o que não acontece com os clíticos, conforme foi apresentado em 4 e 5.

A possibilidade de inserção de outros segmentos entre a marcação de pessoa e a forma livre a que o clítico se encontra fixado foi analisada por Rodrigues (2000, p. 227). Em Kipeá, há a possibilidade de movimento dos clíticos pessoais para a inserção dos prefixos de flexão relacional<sup>4</sup>, conforme estes exemplos:

6. *hi=dz-ebaja*  
1=R-unha  
'minha unha'

7. *e=dz-ebaja*  
2=R-unha  
'tua unha'

8. *hi=ambe*<sup>5</sup>  
1=paga  
'minha paga'

9. *e=y-ambe*  
2=R-paga  
'tua paga'

Outro clítico que o Kipeá apresenta é o marcador de tempo 'futuro' =*di*, conforme analisei em Albuquerque (no prelo). O argumento principal que apresento para classificar =*di* como clítico é sua relativa liberdade de movimento na sentença – teste sintático – e as características de clítico em relação a ordem, distribuição e complexidade.

<sup>4</sup> Optou-se por classificar esse conjunto de prefixos como 'relacionais', seguindo a tradição de Rodrigues (1986, 2000). Porém, há necessidade de ser revista a função desses prefixos na língua. Esse objetivo, todavia, foge do escopo do presente artigo.

<sup>5</sup> Neste caso, ainda, entram em funcionamento os testes de natureza fonológica, já que o que ocorre neste exemplo provavelmente é o seguinte (RODRIGUES, 2000):

*hi=y-ambe* > *hi:=ambe* > *hi=∅-ambe*  
1=R-ambe  
'minha paga'



Segundo Mamiani (1877, p. 36), =*di* é acrescentado ao final do verbo ou ao final da oração se houver algum elemento afixado a este, ou seja, nas orações intransitivas sem complementos circunstanciais, o =*di* ocorre após o verbo, enquanto o =*di* é colocado ao final das orações intransitivas, com complementos circunstanciais, ou das orações transitivas.

10. e=koto-kie=di  
2=roubar-NEG=FUT  
'Não roubarás.'
11. more si-pa kradzo hi= ja=di  
logo 3-matar vaca 1=ERG=FUT  
'Logo eu matarei a vaca.'
12. i-koto do tayu=di  
3-roubar ABL dinheiro=FUT  
'Ele roubará o dinheiro.'
13. pri kune e=buange-mæhæ do igi=di?  
prometer INTG2=mal-ORD ALA agora=FUT  
'Prometeis não pecar mais daqui em diante?'

#### 4 Os afixos Kipeá

O Kipeá apresenta uma série de sufixos: um grupo pequeno para realizar operações de flexão, o sufixo *-a* 'plural', e mudança de valência, o sufixo *-te* 'nominalizador'; e um grupo maior de sufixos que marcam as categorias de modo e aspecto no verbo, conforme analisei em Albuquerque (no prelo). Entre esses sufixos, podem-se citar *-kri* 'perfectivo', *-rone* 'progressivo', *-nu* 'potencial' e vários outros. Vide estes exemplos:

14. to-di si-piwoje vinu-a  
poder-NEG 3-casar jovem-PL  
'Não podem casar os jovens.'

15. udʒe i-buange-te bupi?  
o.que 3-mal-NOM leve  
‘O que é o pecado leve?’
16. te-kri karai, eri hi=padzu.  
vir-PERF homem.branco DEM 1=pai  
‘Veio o branco, meu amo.’
17. ma-rone i-nate mo i-su  
queimar-PRG 3-trabalhar LOC 3-fogo  
‘Estão ardendo constantemente no fogo.’
18. kangi-dzã di-re-to-kie-ri-a  
bom-INT 3C-zangar-ITE-NEG-RELT-PL  
‘São bons aqueles não se zangam com frequência.’
19. sukembi-nu-dĩ Tupã  
enganar-POT-NEG Deus  
‘Deus não pode se enganar.’

De acordo com esses exemplos, o que corrobora a análise dos itens supracitados como sufixos são os seguintes fatores: os sufixos estarem fixados somente a uma classe específica – sufixos específicos de nome e sufixos específicos de verbo –; a fixidez, que não possibilita a inserção de outros segmentos; a ordem específica do uso desses itens, o que também os caracteriza como sufixos. Desta forma, a estrutura do nome e a do verbo Kipeá são as seguintes:

20. Estrutura do nome em Kipeá:  
(P)essoa= (N)ome-Suf. (M)udança de (V)alência -Suf. (F)lexionais  
P= N -MV -F
21. Estrutura do Verbo em Kipeá:  
(P)essoa= (V)erbo-(M)odo -(A)specto =(T)empo  
P= V -M -A -T

Sendo (P) os clíticos de flexão pessoal *hi=* e *e=* usados antes das categorias (N) nome e (V) verbo; (MV) o sufixo de mudança de valência, no caso o sufixo nominalizador *-te*; (F) os sufixos flexionais usados no nome, como *-a* marcador de plural; no verbo há os sufixos marcadores

de modo (M) e aspecto (A), como *-kie* ‘NEG’, *-nu* ‘POT’, *-rone* ‘PRG’; e (I) corresponde à posição do clítico marcador do tempo futuro =*di*.

## 5 Clíticos e afixos na família Karirí

A flexão de pessoa no tronco Macro-Jê apresenta prováveis cognatos na maioria das línguas pertencentes a esse agrupamento linguístico, inclusive na família Karirí. Nas línguas da família Jê, foram encontrados, além de cognatos da flexão pessoal, itens com comportamento morfossintático análogo aos analisados aqui para o Kipeá. A língua Panará, língua da família Jê, apresenta clíticos pessoais (DOURADO, 2001), enquanto Apinajé, outra língua Jê, apresenta as categorias TAM marcadas também por clíticos (OLIVEIRA, 2005), da mesma maneira que o =*di* ‘FUT’. Por motivos de espaço, a seguir, apresentaremos apenas uma breve comparação com os demais membros da família Karirí, deixando uma comparação que se estenda a todo o tronco linguístico para uma oportunidade futura.

Apesar da pouca documentação das demais línguas da família Karirí, podemos verificar possíveis cognatos dos afixos e clíticos apontados para o Kipeá. Para o Dzubukuá, há o vasto material do catecismo de Nantes (1896); para o Pedra Branca e Sabujá, o vocabulário de Martius (1867), que traz informações úteis sobre alguns itens dessas variedades da família Karirí, conforme será apresentado. Ainda, no trabalho de Adam (1897), há um estudo comparativo entre os membros dessa família, assim como algumas propostas de segmentação e análise de vários itens lexicais.

Sobre os clíticos, foi possível identificar prováveis cognatos em Dzubukuá, Pedra Branca e Sabujá<sup>6</sup>, que provavelmente teriam um comportamento morfossintático análogo:

Pd.  
 22. hi=gäh  
 1=mãe  
 ‘minha mãe’

<sup>6</sup> A sigla Dz. corresponde a Dzubukuá; Pd. corresponde a Pedra Branca; e Sj. a Sabujá.

Sj.

23. hik=gâ↔  
1=mãe  
'minha mãe'

24. hi=bl≠h  
1=sangue  
'meu sangue'

25. gi=m↔  
1=osso  
'meu osso'

26. z-uka-ili-to  
1-amar-PRF-ITE  
'amor' ou 'eu amei (e continuo a amar)'

Dz.

27. hi=dz-wipab {=di  
1=R-confessar=FUT  
'eu confessar-me-ei'

28. hi=klikie-ba do hi=padzu=di  
1=pedir-? ABL 1=pai=FUT  
'eu pedirei a meu pai'

Os afixos, tanto de nomes, como de verbos, foram encontrados em número maior em Dzubukuá, Pedra Branca e Sabujá, conforme os exemplos a seguir:

Pd.

29. behe-te  
'ferida'

30. cro-**he**-lli-hüh  
'vermelho'

31. tak-**wi**-hi-lö  
'ir, sair'

32. **kraku**-li-hi  
'azul'

Dz.

33. a=le-kli  
2=irritar-PRF  
'Tu te irritaste'
34. di-ŋa-nu-kie-li  
3C-comer-POT-NEG-RELT  
'O que não se pode comer.'
35. ami-idze                      k-aŋi-a  
comer(manjar)-INT    1PL-alma-PL  
'A verdadeira comida de nossas almas.'

## 6 Considerações finais

O presente trabalho analisou o comportamento das chamadas 'partículas' no Kipeá e apresentou evidências linguísticas de que elas podem ser classificadas como afixos, ou como clíticos, de acordo com testes morfológicos e sintáticos. Verificamos que a marcação de pessoa e de tempo 'futuro' é feita por meio de clíticos, enquanto as informações de número, mudança de valência, negação, modo e aspecto são realizadas com o uso de afixos.

Ainda, a análise feita para o Kipeá foi estendida aos demais membros da família Kariri de, além disso, foram encontrados diversos cognatos dos clíticos e afixos do Kipeá nesses demais membros. Essas são possíveis evidências também para um melhor conhecimento dessa família e para estabelecimento de possíveis formas reconstruídas para a protolíngua e contribuição para o estudo comparativo do tronco Macro-Jê.

## REFERÊNCIAS

ADAM, L. **Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialects de la famille kariri**. Paris: Maisonneuve, 1897. Bibliothèque Linguistique Américaine, t. XX.

ALBUQUERQUE, D. B. **Considerações sobre TAM na família Kariri**. (no prelo).

BANDEIRA, M. L. Os Kariris de Mirandela: um grupo indígena integrado. **Estudos Baianos**, Salvador, n.6, p. 111-118, 1972.

DOURADO, L. G. **Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

KLAVANS, J. The independence of syntax and phonology in Cliticization. **Language**, n. 61, p. 95-120, 1985.

MAMIANI, L. V. **Arte de grammatica da língua brazilica da nação Kiriri**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877. Edição Original: 1699.

MAMIANI, L. V. **Catecismo da doutrina christã na língua brasílica da nação Kiriri**. Lisboa, 1942. Edição Original: 1698 - edição facsimilar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

MARTIUS, C. F. P. **Wörterammlung brasilianischer sprachen: Beiträge zur ethnographie und sprachenkunde amerika's zumal brasiliens**, II. Leipzig: Fleischer, 1867.

MEADER, R. **Índios do nordeste: levantamento sobre os remanescentes tribais do nordeste brasileiro**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978.

MÉTRAUX, A. Une nouvelle langue Tapuya de la région de Bahia (Brésil). **Journal de la Société des Americanistes**, n. 40, p. 51-58, 1951. (Nouvelle série).

NANTES, B. **Katecismo indico da língua Kariris**. Lisboa: 1709. - edição facsimile publicada por J. Platzmann, Leipzig, 1896.

OLIVEIRA, C. **The language of Apinajé: people of central Brazil**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Oregon, Oregon, 2005.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD,

A. Y. (Org.). **The amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164-206

RODRIGUES, A. D. Flexão relacional no tronco Macro-Jê. **Boletim da Abralin**, Fortaleza, n. 25, p. 219-231, 2000.

ZWICKY, A. **On Clitics**. Bloomington: IULC, 1977.

ZWICKY, A. Clitics and particles. **Language**, n. 61, p. 283-305, 1985.

ZWICKY, A.; PULLUM, G. K. Cliticization vs. inflection: english N°T. **Language**, n. 59, p. 502-513, 1983.

*Recebido em março de 2011.*

*Aceito em maio de 2011.*

## **SOBRE O AUTOR**

**DAVI BORGES DE ALBUQUERQUE** é doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e mestre em Linguística pela mesma universidade. É professor Substituto da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Foi professor Cooperante da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (Timor Leste), em 2008-2009. Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nas seguintes subáreas: ecolinguística; contato de línguas; descrição e análise linguísticas; linguística histórica; linguística indígena.

E-mail: albuquerque00@hotmail.com